

Cap. 15

Atendimento em grupo de crianças com queixa escolar: possibilidades de escuta, trocas e novos olhares

Kizzy Domingues Leandrini e Paula Saretta

In SOUZA, B.P. (Org.) **Orientação à Queixa Escolar.**São Paulo: Portal de livros abertos da USP, 2020. 1ª. ed. 2007. p.p. 379-398 *E-book*.









Essa obra é de acesso aberto. É permitida sua reprodução total ou parcial, desde que citada a fonte e a autoria e sem fins lucrativos, respeitando a licença Creative Commons indicada.

Atendimento em grupo de crianças com queixa escolar: possibilidades de escuta, trocas e novos olhares¹

Kizzy Domingues Leandrini² Paula Saretta³

Há hoje uma série de problemas que precisam ser repensados e solucionados na área da educação, tais como: deficiência na formação dos professores, as más condições de funcionamento das escolas, a maneira autoritária como foram implantadas políticas públicas como a progressão continuada e a educação inclusiva, a humilhação social que sofrem as crianças pobres no cotidiano escolar, o preconceito e a indisciplina na escola. São funcionamentos escolares que acabam se refletindo na existência de grande quantidade de crianças com dificuldades em aprender a ler/escrever, em permanecer atentas e motivadas nas atividades escolares e, o mais alarmante, crianças estigmatizadas como indivíduos que não têm condições de aprender.

O trabalho que será apresentado foi supervisionado por Beatriz de Paula Souza, a qual também contribuiu na elaboração deste texto, fazendo sua revisão crítica.

² Psicóloga e psicanalista, trabalha em escolas e atende crianças com queixa escolar, foi aluna do curso de "Orientação à Queixa Escolar", do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). E-mail: kizzy leandrini@yahoo.com.br

³ Psicóloga, doutoranda da Faculdade de Educação da Unicamp trabalha em escolas e atende a crianças com queixa escolar, foi aluna do curso "Orientação à Queixa Escolar", ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP).

Na mesma proporção em que tais problemas crescem, também vem aumentando o número de crianças encaminhadas, principalmente pelas escolas, para atendimento clínico em Psicologia com algumas condutas e comportamentos que destoam do que é considerado normal e aceitável nas instituições de ensino. Apresentam dificuldades acadêmicas em leitura/escrita e conhecimentos matemáticos, dificuldades em se organizar na sala de aula e nas tarefas de casa, além de problemas de comportamento e outras dificuldades. Tais queixas escolares ficam mais evidentes no início da escolarização.

Na tentativa de compreender os possíveis significados do comportamento de algumas crianças com queixa escolar relatadas por pais que procuraram o serviço de Orientação à Queixa Escolar, oferecido pelo Instituto de Psicologia da USP, e intervir nos processos de produção de tais queixas, foi realizado um trabalho de atendimento em grupo no ano de 2004, como parte do curso de Orientação à Queixa Escolar do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo — IPUSP.

Para selecionar e montar um grupo de crianças, alguns aspectos devem ser considerados, tais como: a aproximação entre os membros do grupo, que pode ser feito pelas idades, sexo e até número de participantes. Estes aspectos foram levados em consideração para formação do grupo de atendimento em Orientação à Queixa Escolar, por quatro crianças que possuíam aproximadamente a mesma faixa etária, sexo e queixas escolares.

Nosso grupo foi formado por quatro crianças, todos meninos⁴, com idades de 8 anos (Paulo), 10 anos (Ricardo e Pedro) e 11 anos (Rafael). As crianças estavam nas séries correspondentes às idades, não haviam repetido nenhum ano até o atendimento, ou seja, um estava na 2ª série e os outros três estavam na 4ª série. Três estudavam em escolas municipais e um estudava numa escola vinculada à USP. Com relação ao fato de não terem nenhuma

⁴ Os nomes serão substituídos para preservar a identidade das crianças.

repetência, lembramos que são escolas que adotam a progressão continuada. Assim, não há repetência de 1° a 4° ano, que corresponde ao 1° Ciclo do Ensino Fundamental.

A estratégia utilizada foi inspirada nas *Consultas terapêuticas* de D.W. Winnicott. Assim, privilegiou um processo breve. Buscou-se promover a circulação das informações entre pais, criança e escola, com foco nos aspectos escolares.

Utilizamos, inicialmente, entrevistas individuais com os responsáveis. Estes, por sua vez, já haviam passado por uma triagem de orientação em grupo, com o intuito de compreender e problematizar suas versões sobre as queixas escolares a seus filhos. Explicamos: neste primeiro encontro individual com os pais, como seria realizado o atendimento, os possíveis encaminhamentos, orientações e acompanhamentos.

Assim, buscamos resgatar, sempre problematizando, a trajetória escolar da criança, suas expectativas em relação ao aprendizado dos filhos, sua história escolar, sua relação com a família, a relação da escola com os pais, as preferências dos filhos, como funcionava o momento de fazer a lição de casa e dados relevantes do histórico familiar da criança. Após colher os dados necessários para o início dos encontros com as crianças, foi realizado o contrato (oito sessões semanais, horários, encontros com aproximadamente uma hora e trinta minutos de duração, explicitação dos objetivos dos encontros, visitas às escolas e fechamentos). A importância das idas às escolas das crianças que participariam do grupo e da interlocução que seria estabelecida entre as famílias, as escolas e os clientes, sempre eram enfatizadas nestas primeiras entrevistas com os pais.

Tudo era esclarecido e informado aos pais e, posteriormente, às crianças, sempre valorizando esclarecer a todos os caminhos a serem percorridos. Isso facilitava a troca de informações entre todos os envolvidos, levando em conta o saber dos pais a respeito dos filhos, o saber dos filhos a respeito de si, o saber das escolas a respeito dos alunos e o saber dos psicólogos a respeito do grupo e seus familiares.

ATENDIMENTO EM GRUPO DE CRIANÇAS COM QUEIXA ESCOLAR: POSSIBILIDADES DE ESCUTA, TROCAS E NOVOS...

Ao final dos atendimentos, foram realizadas, com os pais e com as crianças, entrevistas de fechamento. É importante lembrar que não partíamos de um roteiro prévio de perguntas, mas de uma concepção sobre queixas escolares. Assim, a própria expressão dos pais indicava-nos os caminhos de investigação e intervenção.

Nossos encontros: descrições e reflexões preliminares

Os encontros em grupo com as crianças tiveram duração de, aproximadamente, uma hora e meia, totalizando oito encontros, um por semana, durante dois meses. Realizamos, ainda, encontros com as escolas das crianças, em que aprofundávamos a investigação dos fatores escolares na determinação e manutenção da queixa, as potencialidades da escola em sua superação e, ainda, refletíamos com as professoras e gestores escolares como poderiam ser os procedimentos na própria instituição escolar.

Durante os encontros com as crianças e as psicólogas, os recursos utilizados foram desenhos e jogos para superar a expressão puramente verbal e desencadear discussões e reflexões de acordo com os objetivos de cada sessão, como descritos a seguir:

1° Encontro

Objetivos: apresentações iniciais e integração do grupo *Material*: livro *Primeiro livro da criança sobre Psicoterapia* (Nemiroff; Annunziata, 1995) material de pintura, cartolinas, tesoura, jogos.

Descrição das atividades: foram feitas as apresentações iniciais. Houve a leitura do livro e posterior discussão, em que, inclusive, conversávamos sobre as semelhanças e diferenças de nossa proposta com relação à desta obra, mais tradicional. Em seguida, foi estabelecido o enquadre e início da confecção de um trem para representar os encontros (oito vagões e uma locomotiva). Durante

a atividade, as partes do trem foram usadas para que cada um confeccionasse a sua e, posteriormente, seriam utilizadas para as "conclusões" das primeiras conversas sobre as escolas e sobre a história familiar de cada um.

Reflexões preliminares: no primeiro encontro, inicialmente as crianças fizeram muitas perguntas sobre o papel da psicoterapia e das psicólogas. Procuraram compreender as razões de estarem naquele grupo: uma das crianças disse ter ouvido de sua professora que ele tinha "problemas emocionais", o garoto, então, pediu explicações sobre o que isso significava. Num segundo momento, foram solicitados a pensar e falar sobre suas escolas e famílias, enquanto faziam os vagões do trem. Todos falaram e relataram algum caso de colegas que consideravam indisciplinados. Demonstraram sentimentos de inconformismo e a necessidade de ver uma punição para atitudes que eles consideravam inadequadas. O grupo pareceu querer, primeiramente, defender-se de um possível julgamento negativo dos colegas e das psicólogas.

2° Encontro

Objetivos: retomar as discussões da semana anterior e propor uma atividade em que as crianças pudessem descrever suas próprias queixas e refletir sobre as mesmas.

Material: material de pintura, papéis sulfite recortados em formato de nuvem (com bordas arredondadas, a que chamamos "fumacinhas") e jogos.

Descrição das atividades: foi proposto que as crianças fizessem, nas "fumacinhas" do trem, desenhos que representassem o que pensavam a respeito da escola, suas queixas, necessidades, dificuldades e de sua relação com a professora. Ao término da atividade, o trem e as "fumacinhas" foram colados na parede e foi solicitado que escrevessem algo sobre o primeiro e o segundo encontros nos vagões correspondentes. Deste modo, depois de refletir em grupo, as crianças decidiram escrever um nome para o grupo utilizando as iniciais dos nomes de cada participante (inclusive das psicólogas), em todas as sessões. Ficou combinado que, o trem serviria não só para que conseguissem compreender concretamente a organização dos encontros, mas também, para que pudessem expressar, como quisessem (por meio de desenho ou escrita), o que ficasse marcado como mais significativo de cada encontro.

Reflexões preliminares: no segundo encontro, as crianças ainda estavam se conhecendo. Porém, a partir da atividade dos desenhos, já começaram a conversar sobre suas queixas na escola. Pareceram bastante conscientes de suas dificuldades e relataram momentos da escola em que se sentiam excluídas, envergonhadas e sem saber como agir diante das exigências acadêmicas. Apenas uma das crianças dizia que sua queixa não tinha relação com seu desempenho na escola, mas, sim, com sua família, pois achava que os problemas de sua casa refletiam na escola. As psicólogas e as crianças tiveram uma discussão muito produtiva e esclarecedora, todos pareceram satisfeitos com a atividade e com a possibilidade de expressar-se com desenhos.

3° Encontro

Objetivos: promover a interação das crianças para integrálas e para observar o movimento do grupo, além de investigar e avaliar a maneira como pensavam e planejavam as estratégias de jogo que seria apresentado e seus conhecimentos matemáticos (números e operações simples).

Material: jogo "Compre bem da Turma da Mônica".

Descrição das atividades: iniciamos a sessão já com a proposta do jogo e de que uma criança fizesse a leitura das regras. Um deles propôs-se a fazê-lo com naturalidade e clareza (o mesmo que, na segunda sessão, relatara que sua queixa não se devia ao baixo desempenho acadêmico). O objetivo do jogo era, portanto, comprar o maior número de objetos na cidade (representados no tabuleiro) sem gastar muito dinheiro.

Reflexões preliminares: o vínculo já estava claramente estabelecido e o jogo foi tranquilamente aceito pelas crianças. A partir de uma atividade coletiva, foi possível notar como as crianças se comportavam em trabalhos em equipe, o respeito que demonstravam ao aguardar sua vez de jogar, o companheirismo e a ajuda aos colegas. Foi sendo construída entre eles uma dinâmica de identificação em que expressavam vergonha em terem que se expor no grupo, na vontade de vencer, mesmo burlando as regras, etc. Com relação às contas e raciocínios matemáticos que o jogo exigia, ficaram evidentes as dificuldades e as estratégias que cada um utilizava para planejar suas ações no jogo. As psicólogas tiveram que intervir muitas vezes quando uma das crianças não conseguia, por exemplo, pensar nas melhores estratégias de jogo e quando uma das crianças ficava impaciente com o comportamento do outro. Por este motivo, sugeriam que as crianças pensassem em suas reações frente a frustrações e dificuldades que eram evidentes em alguns momentos. Do início do jogo até o final, houve uma mudança no comportamento das crianças, que pareceram sentirem-se mais seguras para expor suas dificuldades e respeitar o outro.

4° Encontro

Objetivos: conhecer interesses individuais pelas atividades e parcerias. Investigar e avaliar a leitura e a escrita.

Material: diversos, como os jogos "Super-trunfo" (Grow), "Quebra-gelo" (Grow), "Pega-varetas" (Xalingo), "Forca", papel sulfite e canetinha, lápis de cor, além de outros materiais.

Descrição das atividades: no primeiro momento, foi proposto que eles escolhessem o que queriam fazer e os parceiros. Duas crianças formaram uma dupla com um jogo que só poderia ser jogado com dois participantes e os outros dois permaneceram sozinhos, cada um com um jogo diferente (jogos que poderiam ser jogados sozinhos ou em grupos). No segundo momento da sessão, depois que as psicólogas perceberam a necessidade do

grupo em mudar de configuração, foi sugerido às crianças o jogo coletivo da "Forca" dividido em subgrupos de três. Cada psicóloga ficou com um subgrupo e o jogo foi prosseguindo, escolhendo uma palavra para o outro descobrir. Encerradas as primeiras descobertas, as crianças foram solicitadas a pensar individualmente em suas palavras e os outros deveriam adivinhá-las.

Reflexões preliminares: este encontro foi especialmente interessante porque proporcionou o conhecimento de cada um deles no que diz respeito às questões de leitura e escrita e do comportamento de cada um frente à situação de exposição de seus conhecimentos e dificuldades. As mediações das psicólogas, mais uma vez, foram fundamentais, tanto no auxílio frente às dificuldades percebidas também pelas próprias crianças, quanto em relação ao incômodo e ao desejo de camuflar ou ofuscar as dificuldades com atitudes de recusa ou de cópia do colega. No final, o momento em que as crianças tiveram que escrever ou desenhar algo no trem, alguns deles escreveram as palavras que pareciam ter acabado de aprender durante o jogo.

5° Encontro

Objetivos: nomear e discriminar os sentimentos e as percepções acerca das relações estabelecidas na escola.

Material: jogo "Brincando com as expressões" (Toyster)

Descrição das atividades: no jogo existem cartões com expressões faciais e com nomes de sentimentos. As psicólogas escolheram, dentre os cartões do jogo, alguns sentimentos para serem trabalhados na sessão: raiva, alegria, medo, vergonha, desânimo, culpa, tristeza, preguiça, amor etc. Os cartões foram, então, sorteados e com o apoio dos desenhos de expressões faciais, as crianças foram incentivadas a contar uma história de vivências na escola envolvendo o sentimento sorteado.

Reflexões preliminares: as crianças conseguiram, com muita propriedade e com o suporte do jogo, identificar, nomear e contar a história de suas vidas com os sentimentos e as expressões

faciais propostas. As histórias contadas expressavam claramente a versão de cada uma delas sobre suas queixas, que haviam sido anunciadas no segundo encontro, e as dificuldades que cada uma enfrentava na escola ou com sua família. Algumas vezes, um complementava a história do outro dizendo que já havia passado pelo mesmo problema. Neste encontro, comentaram sobre suas questões pessoais e sociais com tranquilidade, clareza e apoio dos demais. Foi muito interessante notar o quanto estavam conscientes de suas queixas, principalmente percebendo que não eram os únicos responsáveis por estarem se sentindo da maneira que disseram sentir-se em outros encontros. Eles afirmaram, por exemplo, sentir vergonha dos colegas da sala e de seus pais, outros disseram sentir tristeza por não conseguir realizar as atividades propostas pela professora, ainda falaram do medo das broncas e das punições e, ainda, do desânimo que sentem todas as vezes que tem que refazer as atividades. É necessário lembrar que enviamos o questionário para as escolas neste encontro. Este assunto será explicitado mais adiante.

6º Encontro

Objetivos: retomar o encontro anterior, conversar, analisar e discutir formas novas de olhar, as relações e as pessoas que estão ao nosso redor.

Material: livro "Zoom" (Banyai, 1997)⁵

Descrição das atividades: o livro (composto apenas por imagens, sem texto escrito) foi mostrado às crianças, com intuito de que elas percebessem que há diferentes modos de olhar e que eles se surpreendessem com as imagens que vão aparecendo ao longo do livro, as quais sugerem tal tema. Deste modo, depois de conhecer todo o livro, uma conversa foi iniciada pelas psicólogas e as crianças foram solicitadas a tentar relacionar essa obra com suas queixas e problemas.

Banyai, I. Zoom. Brinque-Book, 1997.

ATENDIMENTO EM GRUPO DE CRIANÇAS COM QUEIXA ESCOLAR: POSSIBILIDADES DE ESCUTA, TROCAS E NOVOS...

Reflexões preliminares: todas as crianças conseguiram, com a intervenção das psicólogas, fazer associações importantes com as cenas do livro, principalmente em relação aos modos de perceber, sentir e olhar suas questões relacionadas à escola e a sua família. As psicólogas foram surpreendidas pelas falas das crianças, de que gostariam de ser mais olhadas e percebidas como quem tem condição de aprender e de se relacionar melhor com as suas questões familiares. Foi muito interessante a movimentação na postura e na percepção de cada um.

7° Encontro

Objetivos: conversar sobre o encerramento das sessões a partir de um jogo coletivo.

Material: jogo "Pizza Maluca" (Grow)

Descrição das atividades: o jogo escolhido para o penúltimo encontro envolvia estratégias de planejamento das jogadas, mas questões de sorte e azar poderiam aparecer a qualquer momento no jogo. Durante quase todo o encontro, foi jogado por todos, inclusive pelas psicólogas. Durante o desenrolar do jogo, pôde-se observar como as crianças lidavam com as surpresas, com as frustrações, com os momentos em que era necessário esperar sua vez de tentar acertar, etc. Ao final da partida, as psicólogas conversaram com as crianças sobre o final dos encontros e sobre seus comportamentos durante este encontro.

Reflexões preliminares: a partir dos comportamentos que emergiram no jogo, as psicólogas puderam conversar com as crianças sobre suas questões. Uma situação que apareceu nesta sessão gerou muita discussão no grupo: o vencedor do jogo foi um dos meninos que vinha com uma história de fracasso muito grande na escola. Estando na 4ª série sem ser alfabetizado. Discutiu-se o que eles poderiam esperar das pessoas e das oportunidades que têm: o quanto ficam presos a estereótipos, não conseguindo pensar em possibilidades de mudança e muitas vezes imaginam e esperam que as mudanças se deem em função de sorte ou azar.

8º Encontro

Objetivos: encerramento dos encontros semanais, esclarecimentos finais sobre casos e encaminhamentos necessários.

Material: trem feito por eles (no primeiro encontro).

Descrição das atividades: nossa conversa foi baseada no que já havíamos notado nas atitudes e comportamentos de cada um. Tivemos dois encontros por causa de algumas faltas motivadas por compromissos particulares. Esclarecemos e contamos sobre as visitas às escolas que realizaríamos e sobre os encaminhamentos que, em alguns casos, seriam necessários. Trouxemos as queixas iniciais para as crianças e discutimos juntos, como algumas questões já estavam sendo resolvidas e repensadas.

Reflexões preliminares: o encerramento já havia sido preparado pelas crianças, inclusive foi constantemente revisto pelos vagões do trem, em que eles escreviam ao final de todas as sessões algo que tivesse ficado marcado para elas naquele dia. O processo que ocorreu nos atendimentos, bem como as intervenções das psicólogas, a participação e a troca delas durante os encontros, assim como a movimentação que eles já estavam sentindo em relação às queixas iniciais (pela escola e pelas famílias), já faziam, na opinião das crianças, diferença e trazia um grande conforto. Conversamos sobre nossos sentimentos de pertencer ao grupo, das diferenças que notamos em todos eles, nas melhoras, nas questões que ainda precisavam ser mais bem assistidas e sugerimos, junto com eles, os encaminhamentos.

Questionário escolar e visitas às escolas: Instrumentos fundamentais nos atendimentos às queixas escolares

O atendimento em grupo de crianças com queixa escolar, como já anunciado, supõe idas às escolas das crianças, com intuito de estabelecer uma relação de confiança e uma parceria entre a escola e os atendimentos. Antes, porém, das visitas às escolas,

foi enviado um questionário para o professor de cada criança atendida, com os seguintes objetivos: obter informações sobre o ambiente da sala de aula, a relação entre o professor e o aluno, suas preocupações a respeito deste, sua avaliação sobre seu desempenho escolar, lugar em que se senta na classe, como se apresenta durante o intervalo, como se relaciona com os colegas, quais suas maiores dificuldades enfrentadas no momento, o histórico escolar nesta escola e em outras escolas, como é a relação do professor com a família e o que o professor procura fazer frente às dificuldades que percebe no aluno.

As respostas das escolas: evidenciando conflitos e tensões

O caso da escola de Paulo: "não consegui trabalhar com ele" (palavras da professora no questionário)

No questionário entregue pela escola de Paulo, a criança mais nova do grupo, foi possível perceber questões relevantes e necessárias de intervenção na própria escola. Esse foi o questionário mais demorado a ser entregue: a professora alegava que não sabia responder e que não entendia qual a finalidade de suas respostas. As dificuldades de Paulo com a escola ficaram evidentes nos atendimentos, seja pelos relatos da própria criança, seja pela análise de seus cadernos⁶, contendo bilhetes muitas vezes agressivos, deixando transparecer a crença da professora de que ele não era capaz de aprender e a responsabilidade que lhe foi atribuída por seu mau desempenho nas provas e nos exercícios. Em um dos bilhetes, por exemplo, estava escrito que Paulo nunca conseguiria aprender, pois não prestava atenção em seus erros. A relação com a professora, então, foi deixando Paulo desmotivado e inseguro, ele foi se tornando uma criança retraída, que pouco se arriscava. Quando o fazia,

⁶ A análise dos cadernos das crianças fez parte da entrevista com pais e em alguns momentos dos encontros.

nas sessões, podia ser facilmente percebido que ele não tinha nenhuma dificuldade em relação aos conteúdos. Assim, a família foi sendo trabalhada para perceber estas questões que estavam atrapalhando o desenvolvimento de Paulo. No entanto, os pais dele decidiram mudar-se para uma cidade próxima no interior do estado. Por esta razão, não foi preciso ir à escola dele: apenas houve alguns contatos por telefone com a professora, que se mostrou "arrependida" e até frustrada por não ter atingido o aluno, não conseguindo estabelecer um vínculo positivo com ele.

O caso da escola de Pedro: preocupações com questões afetivoemocionais

Pedro teve uma particularidade em relação aos outros, pois o que pôde ser percebido logo no primeiro encontro era que ele não tinha nenhuma dificuldade cognitiva. Pelo contrário, destacava-se por ser um dos melhores alunos da sala. O que preocupava a escola era sua postura, seu comportamento em alguns momentos, de choro sem motivo e de insegurança. Pelas respostas da professora ao questionário e pelas falas da criança nos atendimentos, pôde ser claramente notada a grande afinidade dela com Pedro, além de sua preocupação ao saber que Pedro estava enfrentando algumas dificuldades no âmbito familiar, as quais, possivelmente, estavam sendo a causa de todos estes comportamentos na escola. Esta professora mantinha um contato próximo com os pais de Pedro, tentando alertá-los e ajudá-los no que considerava pertinente. Em todos os momentos, pareceu-nos coerente e preocupada com aspectos que poderiam prejudicar Pedro em suas relações com os colegas e com o processo ensino-aprendizagem. Este caso foi muito interessante, pois o movimento de Pedro nas sessões e na escola (com a ajuda fundamental da professora) foi de perceber suas limitações, de conscientizar-se de seu papel em sua família, e de descobrir que não tinha condições de modificar algumas questões, como o desemprego do pai, por exemplo. Pôde ainda, discriminar, reconhecer e controlar, ao longo dos encontros, seus sentimentos de ansiedade e de insegurança, redescobrindo-se competente em questões de ordem afetivo-emocional.

O caso da escola de Ricardo: a culpa é de quem?

A visita à escola de Ricardo ocorreu logo que as professoras enviaram um recado, dizendo preferirem conversar na escola antes de responder ao questionário. Na primeira conversa, não estavam presentes as professoras e sim a coordenadora pedagógica e a professora de reforço. Esta última demonstrou carinho por Ricardo e era a única pessoa na escola em quem o menino se apoiava. A coordenadora não o via da mesma maneira. Acreditava que Ricardo estava tendo dificuldades por causa de sua família. Não refletia sobre o que ocorria com ele dentro da escola. Era evidente seu movimento de culpabilizar a família e poupar a escola de qualquer responsabilidade. Conversamos, ainda, sobre a retenção no 4° ano de Ricardo, pois ele não apresentava, segundo a escola, condições de acompanhar um 5° ano. Concordamos com a retenção e ficou estabelecido que iríamos falar com ele a respeito disso no nosso último encontro e que a escola também iria fazer sua parte neste combinado, isto é, conversariam com Ricardo sobre o tema, já sabendo que a notícia iria deixá-lo chateado. Foi estabelecido que ele continuasse com as aulas de reforço.

O caso da escola de Rafael: "Rafael... qual mesmo?! (diretora em uma das visitas)" Mais um descaso e construção de um fracassado na escola

Fizemos algumas visitas à escola de Rafael. A diretora, a professora de reforço e a professora da sala de aula mostraramse interessadas em refletir sobre possibilidades de intervenção da escola. Já pelo questionário pôde ser claramente notada a falta de informações que tinham sobre o menino, inclusive trajetória acadêmica na escola. Evidenciava-se a exclusão que esta instituição produzia sobre o caso de Rafael, a falta de suporte que este tinha do ambiente escolar e o descaso desses educadores frente suas

dificuldades não apenas de ordem acadêmica, mas também relacionadas a seu isolamento e "invisibilidade".

Sua escola acreditava ser a política educacional da progressão continuada a causa das crianças permanecerem mal alfabetizadas. No caso de Rafael, a professora relatou que os demais educadores já o haviam deixado de lado, acreditando que ele era um fracassado e incapaz de conseguir aprender a ler e escrever. Quando visitamos a escola conversamos primeiramente com a professora de reforço, a qual atendia no mesmo horário mais de 20 crianças e dizia não conseguir dar conta de todos. Rafael frequentava o reforço no período da manhã e também à tarde, pois a escola havia decidido que, como ele não estava acompanhando a turma, seria melhor passar metade do período na sala de reforço. Ficou claro que isso não funcionava. Foi discutida com a professora sua retenção no 4° ano para que ela pudesse, por mais um ano letivo, acompanhar Rafael em seu processo escolar. Essa professora demonstrava interesse pelo aluno e um olhar diferenciado daquele dos demais educadores que encontramos na escola. Ela mantinha uma estagiária de pedagogia em sua sala para poder auxiliar Rafael mais de perto. Criava novas atividades e sempre tentava conciliar o que ensinava para o restante da sala com as atividades que ele fazia, para que se sentisse pertencente àquele grupo.

Algumas considerações finais: encaminhamentos e acompanhamentos

As orientações e os encaminhamentos das crianças tomaram rumos diferentes. Logo após os oito encontros realizados com o grupo e as visitas às escolas, foram feitos atendimentos com os pais e/ou responsáveis para melhor esclarecer a situação escolar de cada uma delas e, a seguir, foi feito o último encontro com o grupo.

Gostaria de ser mais olhado por ela — desejo expresso por Paulo no 6º encontro (referindo-se à professora)

Paulo foi encaminhado por não interagir na escola, não fazer as lições de casa e demonstrar pouco interesse nas atividades. Todas as vezes em que foi solicitado a falar e pensar sobre suas angústias e queixas, referiu-se à relação conflituosa entre ele e sua professora, principalmente. O espaço escolar, para Paulo, estava sempre relacionado a punições, regras, comportamentos banidos, pouca possibilidade de interação, pouca possibilidade de ser ouvido e mesmo percebido pelas pessoas como gostaria. Por essa razão, os sentimentos que permeavam suas falas eram sempre de inconformismo, revolta e tristeza por não saber como modificar esta realidade. Sendo assim, uma vez que não possuía dificuldades ou atrasos em relação à aprendizagem, ficou claro que a grande problemática estava mesmo na relação com a professora e com a escola. Por isso, ao longo dos encontros, quando o menino percebeu que não tinha dificuldades e nem poderia ser considerado uma criança preguiçosa, pareceu muito aliviado e contente. O final dos atendimentos culminou com sua saída da escola e mudança para outra cidade. Não necessitou de nenhum encaminhamento, apenas orientações claras e precisas para os pais.

Fico triste quando ele também fica — Pedro no 5º encontro, referindo-se ao pai (com apoio de um desenho, em que se representa chorando)

Pedro, encaminhado pela escola por falta de atenção e muita conversa em sala de aula, demonstrou, no modo como "conduzia" os encontros, vir sempre com ideias novas e possuir uma nítida facilidade nas questões acadêmicas, parecendo, inclusive, uma criança intelectualmente acima da média para sua idade. Fortaleceu-se a hipótese de que ele estaria em atendimento por razões que não se enquadravam nas dificuldades de âmbito escolar. Assim, nos momentos em que as crianças tinham que descrever e refletir em grupo sobre suas queixas. Pedro, sempre com muita clareza e seriedade, desenhava uma cena familiar que

lhe desagradava, principalmente devido às dificuldades financeiras da família, pelo desemprego do pai naquele momento. Por essa razão, neste caso não houve necessidade de encaminhamento para nenhum tipo de atendimento, apenas orientações aos pais relativas ao modo como Pedro estava assumindo estas questões e como tudo isto estava atrapalhando seu desenvolvimento e crescimento.

Ninguém me entende — Ricardo, chorando no último encontro, quando é informado sobre sua relação na escola e a necessidade de continuar recebendo o atendimento psicológico.

Ricardo, que foi encaminhado pela escola por distração, falta de interesse pelas atividades em sala de aula e dificuldades de português, mostrou-se uma criança que precisava de ajuda não só em relação às questões acadêmicas, mas também necessitando de um espaço em que se pudesse organizar, contar, ouvir e brincar. Conseguiu ao longo dos encontros, gradativamente ir reconhecendo seus sentimentos, suas angústias, suas necessidades e seus desejos. Percebeu que as situações não dependiam apenas dele, que ele não era o culpado por muitas das suas dificuldades escolares e, ainda, pareceu ter chegado à conclusão de que seria importante para ele ser retido naquele ano, pois suas dificuldades acadêmicas eram muito grandes. No caso de Ricardo, no que se referia principalmente aos aspectos afetivo-emocionais, entendemos que seria fundamental um acompanhamento em psicoterapia individual. Quanto aos aspectos cognitivos e acadêmicos, a escola, comprometeu-se, nas visitas, a oferecer aulas semanais de reforço e uma maior atenção às dificuldades da criança em sala de aula.

Tenho vergonha! — sentimento escolhido por Rafael durante a 5^a sessão, para expressar como se sentia na escola.

Rafael, não estava ainda alfabetizado, cursando, no período do atendimento o 4° ano. Demonstrou não ter interesse nas

atividades em sala de aula. Ao longo dos encontros, pareceu uma criança muito retraída e comentou que, apesar do interesse da professora, não conseguia fazer o que ela pedia, principalmente, as atividades acadêmicas ao 4° ano. Rafael parecia não entender a construção desta situação, algo que não ficou evidente ao conhecermos sua trajetória escolar. Desde o 1º ano, segundo relato de sua mãe, as escolas que frequentou não investiram em seu processo de ensino-aprendizagem e nem notaram qualquer dificuldade digna de atenção nestes quatro anos. Rafael é uma criança tímida e quieta e provavelmente foi passando de ano, pela progressão continuada, sem ao menos ser visto como um aluno com alguma dificuldade em compreender o conteúdo e as atividades. Embora esse trabalho tenha produzido o esclarecimento da situação escolar para Rafael e a compreensão de que ele não tinha algo orgânico que pudesse afetar seu desempenho escolar, ainda assim, entendemos que havia a necessidade de continuidade do processo de psicoterapia. Rafael se sentia inferiorizado, diferente dos colegas, não pertencente ao meio escolar e, além do mais, havia perdido o pai recentemente, o que havia contribuído para deixá-lo ainda mais ausente e distante. Rafael tinha sentimentos de vergonha por não saber e seu fracasso escolar já estava instalado para a escola. Por isso recomendou-se a continuidade das aulas de reforço e foi encaminhado para atendimento clínico individual.

Acompanhamentos

Os acompanhamentos, de modo geral, acontecem por volta de dois a três meses depois que os encontros foram encerrados. Fazemos o contato por telefone e se for necessário, marcamos um encontro com os responsáveis ou com a criança. No caso deste grupo, telefonamos no mês de abril de 2005 (os atendimentos haviam se encerrado no final de 2004) para cada uma das crianças e pudemos conversar com um responsável.

Paulo e sua família haviam-se mudado de escola e de cidade. Estava indo muito bem na nova escola e com a nova professora. Ele próprio relatou que estava gostando da nova professora e que ainda não tinha feito muitos amigos, porque estava há pouco tempo. Pareceu animado com a nova cidade, pelo espaço que tinha para brincar. O pai disse que as lições de casa estão sendo feitas apenas por Paulo. O menino pareceu sentir-se competente e responsável com seu material escolar.

Pedro passou de ano e, no momento do telefonema, frequentava o 5° ano. Segundo a mãe, ele não teve dificuldades para se adaptar e continuava sendo considerado pelos professores um dos melhores alunos da sala, como acontecia nos outros anos na antiga escola. Alguns amigos da antiga escola também se mudaram para a atual, o que facilitou o encontro entre velhos e novos amigos, que combinam ir durante os finais de semana para a escola participar de atividades propostas para a comunidade. A mãe dele acrescenta que, mesmo com muitas lições de casa, ele parece tranquilo e seguro, conseguindo organizar-se. O pai continua desempregado, porém Pedro já não se preocupa tanto com isso. Atualmente ele acredita que sua mãe pode ajudar na renda familiar e por isso, pede que ela faça, por exemplo, ovos de Páscoa para vender. Segundo os responsáveis, o atendimento à queixa escolar contribui de forma significativa para melhoria da dinâmica familiar e para o desenvolvimento do Pedro.

Com relação a Ricardo, no final do ano de 2004, foi acertado com a escola e com a criança a retenção no 4° ano. No entanto, para nossa surpresa, no contato com a família dois meses após o final dos atendimentos, foi relatado que a escola não cumpriu o combinado e passou a criança para o 5° ano, trazendo consequências muito negativas para ele. Segundo sua avó, ele estava totalmente confuso, não sabendo se organizar com os materiais, com os vários professores, as várias lições de casa e muito conteúdo pedagógico. A avó acrescentou que não sabia que ele passaria de ano, o que percebeu apenas no início do ano letivo de 2005.

Porém, diz que Ricardo participou, ao final do ano passado, de uma festa para os formandos; recebeu seu diploma e tudo o mais. Com relação à psicoterapia, ele ainda não a tinha iniciado até aquele momento. Os contatos com esta família ainda se prolongaram para que estes encaminhamentos fossem revistos.

Rafael foi retido no 4° ano. Sua mãe relata que, apesar de ele continuar com muitas dificuldades na escola havia avançado em sua aprendizagem: já conseguia ler placas nas ruas e continuava com um grande interesse em aprender a ler e a escrever. A única dificuldade que ela disse estar encontrando naquele momento era que a professora do ano anterior, que poderia ser um apoio importante para o menino na escola, estava afastada desde o início do ano, mas que, apesar disso percebe a escola mais sensível às questões de Rafael. Pareceu confiante em sua melhora acadêmica e ainda disposta a levá-lo ao atendimento em psicoterapia (aguardava ser chamada pela clínica da USP).

Observamos no decorrer dos encontros, de forma geral, que as queixas trazidas pelos pais e/ou pelas escolas não apareciam da mesma maneira nos encontros com as crianças. Ou seja, a falta de concentração relatada pelos pais não era constante, conversas paralelas eram raras e com exceção de Rafael, os problemas na alfabetização eram bem menores que os relatados ou não estavam presentes.

A análise dos atendimentos desvelou uma experiência privilegiada para possibilitar novos olhares para questões do ambiente escolar e familiar, como dificuldades no processo de ensino-aprendizagem, problemas familiares, da relação professor-aluno, compreensão de questões internas e dificuldades em reconhecer lacunas pedagógicas.

Houve uma movimentação das queixas iniciais, do olhar dos pais e responsáveis e das professoras e outros agentes escolares, tornando possível uma mudança da situação escolar, no sentido do desenvolvimento, da superação da situação de fracasso. Problematizar e circular as informações mostraram-se estratégias potentes para que os objetivos deste trabalho fossem atingidos.